



CURRÍCULO OCULTO E SUAS MÚLTIPLAS FACES: A VERDADE SOBRE QUEM O ESCONDE

HIDDEN CURRICULUM AND ITS MULTIPLE FACES: THE TRUTH ABOUT WHO IS HIDING IT

Prof. Me. José Jorge de Carvalho Marvãoⁱ
Ana Célia de Jesus Martinsⁱⁱ

RESUMO – O currículo oculto é uma das vertentes do currículo que tem sido explorado com mais afinco nas escolas em prol de integralidade dos educandos na educação. A sua abordagem é por meio de atitudes e valores que vão se construindo por meio da interação professor-aluno, aluno-aluno e toda a comunidade escolar. Este trabalho tem como objetivo trazer à baila uma abordagem teórica acerca do currículo oculto, buscando mostrar conceitos, princípios e concepções culturais, assim como suas diversas formas de apresentação. Para tanto, uma revisão bibliográfica será mais que necessária para aprofundar a temática, assim, buscamos autores como Silva (2022), Sacristán (2013), Matos et, al. (2022), Perrenoud (1996). Portanto, buscaremos a partir de estudos bibliográfico, enfatizar que o currículo oculto está presente no chão da escola, sendo mister sua discussão sobre a temática. Faremos uma abordagem qualitativa, a importância do currículo oculto nos processos da aprendizagem formal dos educandos, com foco no respeito às experiências e a diversidade multicultural, visto que influencia de forma direta na formação da identidade e do protagonismo do aluno.

PALAVRAS-CHAVE – currículo oculto; atitudes e valores; formação da identidade. abordagens culturais; multiculturalismo.

ABSTRACT – The hidden curriculum is one of the aspects that has been explored more diligently in schools in favor of the integrality of students in education. Its approach is through attitudes and values built through interaction, teacher-student, student-student, and the entire school community. This work aims to bring up a theoretical approach to the hidden curriculum to show cultural concepts, principles, and conceptions and their various forms of presentation. Therefore, a bibliographic review will be more than necessary to deepen the theme, so we seek authors such as Silva (2022), Sacristán (2013), Matos et al. (2022), and Perrenoud (1996). Therefore, from bibliographical studies, we will seek to emphasize that the hidden curriculum is present on the school floor, and its discussion on the subject is essential. We will make a qualitative approach to the importance of the hidden curriculum in the student's formal learning



processes, focusing on respect for experiences and multicultural diversity since it directly influences the formation of the student's identity and protagonism.

Introdução

É comum pensarmos no que ensinamos e no que os alunos aprendem na escola focando nos componentes curriculares oficiais como matemática, ciências e nas habilidades como leitura, escrita e interpretação, dentre outros, desconsiderando todos os conhecimentos que o educando já traz consigo ao adentrar os portões das escolas. Como profissionais ficamos angustiados diante da necessidade de desenvolvermos as habilidades e competências que precisam ser atendidos por meio de um currículo sistematizado de um sistema de educação ou de uma escola com tantos conceitos ou objetos de conhecimentos que precisam ser explorados e desenvolvidos diante do currículo oficial definido pelos órgãos competentes e que o professor, tantas vezes se sente impossibilitado diante da falta de sentido na vida do educando.

É realidade que além dos conhecimentos que os discentes trazem para o universo escolar eles aprendem diversas e muitas outras coisas na escola, e muitas dessas coisas não são explicitamente ensinadas ou mesmo consideradas no currículo formalizado. “É preciso insistir que os significados dos objetivos educacionais não podem estar circunscritos aos conteúdos dos limites estabelecidos pelas tradições acumuladas nas disciplinas escolares”

KEYWORDS – hidden curriculum; attitudes and values; identity formation. cultural approaches; multiculturalism.

(SACRISTÁN, 2013, p.23). Essa constatação nos leva a buscar entender como se deu a construção do currículo escolar em nosso país.

As primeiras preocupações com o currículo, no Brasil, datam dos anos 20, desde então a década de 80 o campo foi marcado pela transferência instrumental de teorias americanas. (LOPES E MACEDO, 2002, p. 13). Assim, antes mesmo de tratarmos da ideia conceitual do currículo oculto, é fundamental definir e compreender o currículo formal. De acordo com Paraiso e Santos (1996, p. 84),

O currículo formal abrange todas as atividades e conteúdo planejados para serem trabalhados na sala de aula. Assim são todas as habilidades e conceitos alcançados por escolas, distritos e estados que servem como um roteiro para professores e alunos.

São os currículos publicados que aparecem nos livros didáticos, pastas de trabalho e são os padrões que podem ser encontrados nas diretrizes e parâmetros curriculares nacionais de ensino. A exemplo temos que, os alunos acessam o currículo formal quando aprendem a multiplicar um número de um dígito por um número de dois dígitos.

Currículos predefinidos são definidos em nível nacional em documentos oficiais,



como leis, padrões e diretrizes nacionais, livros didáticos e propostas curriculares, e em nível local nas escolas como planos de ensino e planos de aula desenvolvidos por professores. Consequentemente, este curso está registrado e documentado. No entanto, as escolas não ensinam apenas o que é oficialmente definido. Há um ensino e uma aprendizagem que se dá de forma implícita, ou seja, nas entrelinhas das relações estabelecidas no ambiente escolar.

Silva (2003) categorizou essa aprendizagem informal como currículo oculto. Segundo ele, “[...] o currículo oculto inclui todos os aspectos do ambiente escolar que, embora não façam parte do currículo explícito oficial, contribuem implicitamente para uma aprendizagem social relevante”. Desta forma, num currículo oculto, a sociedade pede às novas gerações que aprendam comportamentos, atitudes, valores e orientações para que se adaptem à estrutura e funcionamento da sociedade que se constitui.

O conceito de currículo oculto foi introduzido pela primeira vez pelo pesquisador Phillip Jackson em 1968, no livro *Life in Classrooms* (SILVA, 2003), trazendo as primeiras ideias do currículo oculto sendo o que os educadores ensinam aos alunos, mesmo sem perceber, por meio de suas interações, modelagem e cultura escolar ou de sala de aula; ela consiste em valores não ditos, crenças, normas e cultura. O currículo oculto é indiscutivelmente o mais importante no campo; porque geralmente deixa o impacto duradouro que os educadores

esperam ao ingressar na profissão (SILVA, 2003, p.78).

Este conceito foi aprofundado por outros autores, como Robert Dreeben, que tentaram mostrar que “[...] modelo de alocação, recompensas e punições” (SILVA, 2003, p. 78). Esses autores da sociologia funcionalista tentam mostrar por meio do currículo oculto que os comportamentos cultivados nas escolas são necessários para o funcionamento das sociedades "avançadas", ou seja, que esses comportamentos ensinados pelo currículo oculto são importantes para o bom funcionamento da sociedade. Portanto, a sociedade é desejável. Ao contrário dessa compreensão da conveniência do currículo oculto, os teóricos da teoria crítica do currículo veem atitudes e comportamentos transmitidos por meio do currículo oculto. “[...] como indesejáveis dos genuínos objetivos da educação, na medida em que moldam as crianças e jovens para se adaptar às injustas estruturas da sociedade capitalista” (SILVA, 2003, p. 78).

Ao explicar o que se aprende por meio do currículo oculto, os autores da teoria crítica esperam contribuir para que nós, ao nos depararmos com essas situações, tomemos consciência da aprendizagem proporcionada no ambiente escolar, bem como daquela que descrevemos no currículo formal. Nas palavras de SILVA (2003, p. 80),

A ideia é que uma análise baseada nesse conceito permite nos tornarmos conscientes de alguma coisa que até então estava oculta para nossa consciência. A coisa toda consiste, claro,



em desocultar o currículo oculto. Parte de sua eficácia reside precisamente nessa sua natureza oculta. O que está implícito na noção de currículo oculto é a ideia de que se conseguirmos desocultá-lo, ele se tornará menos eficaz, ele deixará de ter os efeitos que tem pela única razão de ser oculto. Suspostamente é essa consciência que vai permitir alguma possibilidade de mudança. Tornar-se consciente do currículo oculto significa, de alguma forma, desarmá-lo.

Dessa forma, algo a se pensar é, como o currículo oculto pode se tornar algo mais intencional, dado o seu grande significado para o desenvolvimento dos alunos? Para nos ajudar buscamos em Paraiso e Santos (1996, p. 84), para nos fornecer um aparato significativo a esse respeito.

O currículo oculto significa o conjunto de normas e valores implícito nas atividades escolares, porém não mencionadas pelos professores ou não intencionalmente buscados por eles. Portanto são todas as outras coisas que os alunos aprendem na escola que não são explicitamente ensinadas ou escritas; conceitos como amizade, honestidade, justiça, valor do trabalho, relações étnicas e diferenças culturais. O currículo oculto compreende muitas lições não ensinadas que os alunos recebem em qualquer lugar, mas geralmente na escola.

As escolas, segundo Perrenoud (1996), têm consigo a presença de três currículos de forma coexistente. Primeiramente, o currículo formal que estabelece as linhas da cultura que a escola deve transmitir, claramente explícito nas documentações

oficiais da instituição; a partir daí surge o currículo real, aquele que de fato é desenvolvido pelo professor na sala de aula, em que a realidade do fazer pedagógico articula o planejamento docente, a contribuição dos alunos. Por fim, há ainda o currículo oculto onde se apresentam as aprendizagens oferecidas pela escola, que não constam nos planejamentos, mas que reforçam valores e constroem uma visão de mundo, delineiam comportamentos e atitudes, e acabam por moldar os alunos em áreas que passam despercebidas pela instituição. Matos, et al. (2022, p. 324) menciona que

O currículo se torna oculto pelos desdobramentos do governo que fecha as portas para novos horizontes, porém, este mesmo currículo se torna real pela existência de consciências em formas de docentes que não abrem mão do conhecimento necessário aos discentes. E com as tecnologias, o oculto está deixando de ser esconder e o currículo tornando-se real a cada instante.

Professores têm muitos papéis na sala de aula e na comunidade escolar. Ensinar o currículo e fornecer resultados acadêmicos é atualmente um foco na sociedade e o papel principal dos educadores. Um papel que não é destacado o suficiente, mas que muitas vezes é a razão para os professores entrarem na educação em primeiro lugar, é naturalmente, os educadores elogiam os alunos pelo bom comportamento ou os lembram quando precisam considerar suas ações. Respostas simples como “obrigado



por esperar sua vez” ou “por favor, mostre respeito e ouça o orador” demonstram como os educadores ensinam valores ou virtudes sem querer. Ao resolver conflitos, os educadores orientam os alunos na discussão para ouvir, ter empatia e usar discernimento e bondade.

A resolução de conflitos também ajuda os alunos a compreender a humanidade. Os alunos geralmente tentam agradecer seus professores, o que cria relacionamentos e confiança com autoridade e cidadania em figuras com um papel de maior poder. Ao impor procedimentos e rotinas na sala de aula, o professor ajuda os alunos a aprender como ser socialmente apropriado, colaborar e se comunicar com os outros e agir como cidadãos contribuintes de uma comunidade.

Expectativas, perspectivas e estudos culturais do currículo oculto

Deve-se notar que um currículo oculto pode reforçar as lições do currículo formal, ou pode contradizer o currículo formal, revelando hipocrisias ou inconsistências entre a missão, os valores e as convicções declaradas de uma escola e o que os alunos realmente vivenciam e aprendem enquanto estão em escola. Por exemplo, uma escola pode declarar publicamente em seu Projeto Político Pedagógico ou Programa de Ação, que está comprometida em garantir que todos os alunos tenham sucesso acadêmico, mas uma revisão de seus dados de desempenho pode revelar discrepâncias raciais ou socioeconômicas significativas

quando se trata de notas de testes, taxas de graduação e outras medidas de sucesso.

A capacidade reguladora do currículo fora agregada os conceitos de classe, grau e método, cujas histórias estão entrelaçadas, formando todo o dispositivo para normalização do que era ensinado ou deveria ser ensinado, como fazê-lo, e, uma vez que se fazia uma opção, também ficava determinado aquilo que não se podia ou não se deveria ensinar nem aprender. (SACRISTÁN, 1998, p.19).

E porque o que não é ensinado na escola pode por vezes ser tão influente ou formativo como o que é ensinado, o currículo oculto também se estende a áreas de assunto, valores e mensagens que são omitidos do currículo formal e ignorados, negligenciados ou menosprezados pelos educadores. Embora o currículo oculto em qualquer escola abranja uma enorme variedade de potenciais fatores intelectuais, sociais, culturais e ambientais.

A teoria do currículo tem se beneficiado enormemente de uma abordagem voltada para sua economia, uma abordagem que deve muito as influências marxistas. [...] Continuamos a ser uma sociedade capitalista, uma sociedade governada pelo processo de produção do valor e da mais-valia. Ligar o currículo a esse processo é um dos avanços fundamentais que devemos à vertente crítica da Teoria do currículo. (SILVA, 2003, p.14)

As expectativas do currículo oculto, estabelecidos por escolas e educadores comunicam mensagens aos alunos. Por exemplo, um professor pode dar tarefas



difíceis e esperar que todos os alunos se saiam bem nessas tarefas, enquanto outro professor pode dar tarefas comparativamente fáceis e habitualmente premiar todos os alunos que passam nas notas, mesmo quando a qualidade do trabalho é baixa. Na classe de altas expectativas, os alunos podem aprender muito mais e experimentar um maior senso de realização, enquanto os alunos na classe de baixas expectativas podem fazer apenas o suficiente para sobreviver e ser relativamente desinteressados nas aulas que estão sendo ensinadas. Da mesma forma, as escolas podem inconscientemente manter alunos de diferentes contextos culturais – por exemplo, minorias, alunos imigrantes recém-chegados ou alunos com deficiências – para diminuir as expectativas escolares.

O currículo oculto se molda durante a transmissão de conteúdos dando forma aos conhecimentos e atitudes que vão sendo construídos dentro de lições pré-agendadas. E, em se tratando deste currículo, nos deparamos com consequências que não são tão abertas e reconhecidas no processo de ensino/aprendizagem. Nesse sentido, é mister salientar que não podemos apenas nos referir ao currículo oculto de forma negativa porque existem valores, atitudes, regras de comportamento que não são necessariamente ruins. Há pressuposições de uma estrutura educacional e política, sobre as quais o currículo oculto modifica-se desde os formatos das instituições de sala de aula até o momento do ensino. Isso corrobora para deixar equilibrada as consequências antidemocráticas que geram opressão (MATOS, et, al. 2022, p. 325-326).

Os valores promovidos por escolas, educadores e grupos de pares, como “panelinhas”, também podem transmitir mensagens ocultas. Por exemplo, algumas escolas podem esperar e recompensar a conformidade enquanto punem a inconformidade, enquanto outras escolas podem celebrar e até encorajar a não conformidade. Em uma escola, os alunos podem aprender que comportamentos como seguir as regras, agir de maneira esperada e não questionar os adultos são recompensados, enquanto em outras escolas os alunos aprendem que a expressão pessoal, a iniciativa ou o questionamento da autoridade são comportamentos valorizados e recompensados.

Da mesma forma, se comportamentos e declarações preconceituosas são toleradas em uma escola, os alunos podem adotar os valores que são aceitos ou modelados – explícita ou implicitamente – por adultos e outros alunos. “O objetivo é auxiliar na compreensão das políticas educacionais e das teorias e práticas curriculares que buscam enfrentar a realidade multicultural do nosso tempo”. (PARAÍSO, 2004, p.54)

A forma como as escolas reconhecem, integram ou honram a diversidade e as perspectivas multiculturais pode transmitir mensagens intencionais e não intencionais. Por exemplo, algumas escolas podem esperar que os alunos imigrantes recém-chegados e suas famílias “assimilem” a cultura latino-americana – por exemplo, exigindo que os alunos falem português na escola o tempo todo ou não fornecendo materiais informativos traduzidos ou outra assistência especializada. Outras escolas, no



entanto, podem integrar ou celebrar ativamente a diversidade multicultural do corpo estudantil, convidando alunos e pais a compartilhar histórias sobre seu país de origem, por exemplo, ou postando e publicando materiais informativos em vários idiomas. Em uma escola, as culturas não brasileiras podem ser totalmente ignoradas, enquanto em outra podem ser ativamente celebradas. As disciplinas que os professores escolhem para os cursos e aulas podem transmitir diferentes mensagens ideológicas, culturais ou éticas.

Diante da grande expansão dos Estudos culturais em diferentes partes do mundo e do crescimento do número de grupos que buscam afirmar suas culturas, a questão da identidade ganha centralidade em diferentes campos. (PARAÍSO 2004, p.56).

Por exemplo, a história da escravidão pode ser ensinada de várias maneiras, usando diferentes exemplos históricos, temas e perspectivas. Um professor pode optar por apresentar a história do trabalho escravo a partir da perspectiva dos colonos e exploradores europeus, ou pode optar por apresentá-la a partir da perspectiva dos negros deslocados ou dos povos africanos colonizados. No primeiro caso, ensinar história a partir de uma perspectiva estritamente eurocêntrica provavelmente minimizaria ou ignoraria a história e o sofrimento do povo escravizado (uma prática educacional comum nas últimas décadas). Tópicos curriculares também podem frequentemente se cruzar ou ser

influenciados por questões políticas, ideológicas.

Para os estudos sobre currículo que se baseiam nos estudos culturais, é de grande importância não somente analisar esses artefatos, mas também incluir no currículo escolar conhecimentos e habilidades que instrumentalizem professores e estudantes a fazer a leitura crítica desses diferentes materiais e que tem acessos em outros espaços. (PARAÍSO 2004, p.56)

Para Bourdieu (1983), o movimento de trabalho do ensino é um dos mecanismos pelos quais as estruturas no contexto social são fixadas. Neste caso, o sistema de ensino ajuda a conservar as estruturas, e outros sistemas com a mesma função, como o econômico. Tal correspondência se funda por meio de uma hierarquia nas escolas e pelas regras estabelecidas no ambiente escolar. Assim, acontece a tão chamada subordinação hierárquica entre a direção e os professores e entre os professores e alunos, dando forma ao processo de capitalismo que os condiciona. O currículo oculto refere-se:

[...] às consequências não intencionais do processo de escolarização. Os educadores críticos reconhecem que as escolas modelam os estudantes através de outras agendas, incluindo regras de conduta, organização de sala de aula e procedimentos pedagógicos informais usados por professores com grupos específicos de estudantes. O currículo oculto também inclui estilos de ensino e aprendizado enfatizados na sala de aula, as mensagens transmitidas ao estudante



pelo ambiente físico e instrucional como um todo, estruturas de liderança, expectativas do professor e procedimentos de avaliação (MCLAREN, 1997, p. 216).

A maneira que as escolas e os professores escolhem para educar os alunos pode transmitir mensagens intencionais e não intencionais. Por exemplo, se os alunos obtiverem boas notas ou créditos extras por entregarem os deveres de casa no prazo, ouvirem atentamente, participarem das aulas, levantarem as mãos e geralmente fazerem as coisas que lhes dizem para fazer, os alunos podem aprender que a obediência é importante e que certos comportamentos serão academicamente recompensados e permitidos para compensar as deficiências de aprendizagem.

Por outro lado, estratégias instrucionais como aprendizagem baseada em projetos ou aprendizagem baseada na comunidade, para citar apenas duas das muitas opções possíveis, pode comunicar mensagens específicas - por exemplo, que habilidades como pensamento crítico e resolução de problemas, e atributos como persistência, desenvoltura e automotivação, são valorizados e importantes (no caso de aprendizagem baseada em projetos) ou que ser informado e envolvido em questões locais é valorizado e importante (no caso da aprendizagem baseada na comunidade).

Hall (1997) por exemplo defende que cultura é toda e qualquer ação social que expressa ou comunica um significado, tanto para quem dela participa, quanto para quem observa. A cultura é uma prática de

significação. Cada atividade social cria e precisa de um universo próprio de significados e práticas, isto é, sua própria cultura. A cultura, assim compreendida, representa uma relação social permeada pela luta para definir o que é ou não certo e como se deve ou não ser, pensar e agir. Podemos dizer que uma escola, uma rua, um clube, um ambiente de trabalho, um hospital, uma família, um futebol profissional, uma rua ou uma várzea etc., jogo transitório e indefinido de poder e luta pelo poder. (PARAISO, 2004. p.55).

No que diz respeito à teoria crítica da raça, a pesquisadora defende uma revisão do papel do currículo oculto na educação, especialmente no que diz respeito à educação multicultural. Usando o conceito de hegemonia como ferramenta de análise, o autor explica as maneiras pelas quais o currículo oculto permite que as instituições educacionais argumentem em favor de iniciativas multiculturais enquanto suprimem as possibilidades transformadoras da educação multicultural. Desconhecendo os desafios que os currículos ocultos apresentam, a educação multicultural é apropriada como um "dispositivo hegemônico" que garante uma posição permanente de poder e liderança para grupos dominantes na sociedade.

Ao desenvolver relacionamentos e uma comunidade de cultura, pergunte-se: "Quem você quer que os alunos sejam? Como você quer que eles entendam as virtudes ou valores?" Dentro da sala de aula, aplicando procedimentos adequados e elogiando seus alunos, o educador pode



intencionalmente reconhecer virtudes positivas, como respeito e empatia.

Além disso, por meio de discussões em aulas de qualquer componente curricular, o professor pode intencionalmente enfatizar valores e como os indivíduos ou personagens os demonstram. Os alunos devem participar de tais discussões e compartilhar ideias para aprimorar sua compreensão das virtudes ou até mesmo desafiar as ideias dos outros. Com a intencionalidade, as lições não mudam; os alunos ainda estão aprendendo; não há assimilação ocorrendo; em vez disso, o educador está gastando tempo para abordar intencionalmente o currículo oculto – a formação do caráter dos alunos.

Então, em vez de deixar isso ao acaso, por que não considerar como o currículo oculto pode ser mais intencional? Como o currículo oculto pode ser mais focado no que os alunos precisam? Por que não ser mais significativo e atencioso com a maneira como todos moldamos nossa futura sociedade?

No fundo, não estamos muito longe de uma representação da instituição escolar como uma fábrica, onde o corpo estudantil se vê incitado a pensar da mesma forma, a produzir os mesmos resultados e em idêntico espaço temporal, a aceitar as mesmas recompensas e sanções, a ser julgado por autoridades externas e com parâmetros que muitas vezes não compreende [...] é assegurando logo desde a infância a reprodução de determinada consciência que as empresas preparam a próxima geração de trabalhadores e trabalhadoras. [...] É através da interação social registrada diariamente nas salas de aula

que se vão construindo os significados dos objetos e das situações, que vão formando as subjetividades e se vão criando as habilidades, conhecimentos e destrezas que cada sociedade privilegia e valoriza (SANTOMÉ, 1995, p. 83).

À medida que os educadores se comunicam com os alunos - discussões, resolução de problemas, resolução de conflitos, conversas informais, suporte e orientação ou qualquer outra interação - a intencionalidade de um educador que reconhece como eles está modelando, elogiando, apoiando ou ensinando um valor é importante na forma como o caráter dos alunos é formado.

Aqui, através do “princípio da correspondência”, eram as relações sociais na escola, mais do que seu conteúdo explícito, que eram responsáveis pela socialização de crianças e jovens nas normas e atitudes necessárias para uma boa adaptação às exigências do trabalho capitalista. [...] A ideologia e os aparelhos ideológicos de estado, apontava, de certa forma para uma noção que tinha características similares às que eram atribuídas ao currículo oculto. (SILVA, 2015, p.77).

Portando ao entrar nesse campo de estudo do currículo oculto, não podemos deixar de falar das questões da identidade e como esse estudo influencia na construção do currículo escolar para não deixar de lado o multiculturalismo.

Os educadores podem demonstrar intencionalmente ativos positivos que desejam cultivar em seus alunos. Da mesma forma, os educadores podem alterar intencionalmente seu



comportamento para não modelar emoções ou ações negativas, independentemente de suas situações ou crenças pessoais.

Desde 1990, várias teorias foram e estão sendo desenvolvidas a partir da perspectiva pós-crítica do currículo. Essas teorias começam com análises críticas, até então limitadas a questões econômicas previamente discutidas, e se expandem nas discussões sobre o que é ensinado nas escolas, demonstrando que o currículo prescrito e oculto estabelece identidades dos alunos e constitui sua subjetividade, ele vê, escuta e analisa o mundo à sua volta e à sua maneira. Nas palavras de SILVA (2003, p. 15-16),

No fundo das teorias do currículo está, pois, uma questão de “identidade” ou de “subjetividade”. Se quisermos recorrer a etimologia da palavra “currículo”, que vem do latim *curriculum*, “pista de corrida” podemos dizer que no curso dessa “corrida” que é o currículo acabamos por nos tornar o que somos. Nas discussões cotidianas, quando pensamos em currículo pensamos apenas em conhecimento, esquecendo-nos de que o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade. Talvez possamos dizer que, além de uma questão de conhecimento, o currículo é também uma questão de identidade.

Essas pequenas ações intencionais na escolha de como modelar normas, valores, tomada de decisão e caráter podem impactar drasticamente a formação do caráter no corpo discente. Da mesma

forma, a escolha intencional de quais valores ou virtudes destacar com os alunos pode moldar a direção da formação do caráter dos alunos. Essa escolha intencional engloba o foco da cultura da escola ou da sala de aula.

Reconhecimento do currículo oculto: quem escondeu?

A base de toda forma de ensino e aprendizagem, baseada numa aprendizagem significativa, é constituída por meio do currículo. Seja ele formal, real ou oculto. Embora este último não constitua, de fato, uma teoria, exerce uma grande função e tem uma força tamanha, nos âmbitos educacionais, numa perspectiva crítica sobre o currículo. A noção de currículo oculto ainda é pouco entendida por alguns docentes por se tratar de uma maneira de ver a aprendizagem de forma implícita, contida prioritariamente nas atitudes, por meio informal. A visão de ideologia advinda de Althusser, demonstra uma similaridade às características contidas no currículo oculto.

Dizemos que a sala de aula é o ambiente usualmente da atividade que inclui que necessita de atenção e de pensar o espaço como designação de atividades específicas de ensino e aprendizagem sequenciadas e sistematizadas. Investir num espaço que seja flexível e estendidos a atividades escolares exige do professor uma visão além do seu alcance normal. Segundo Frago e Escolano (1998, p.139),

[...] significa fazer do mestre ou professor um arquiteto, isso é, um pedagogo e, da



educação, um processo de configuração de espaços. De espaços pessoais e sociais, e de lugares. Ao fim e ao cabo, o espaço – assim como a energia, enquanto energia – não se cria nem se destrói, apenas se transforma. A questão final é se se transforma em um espaço frio, mecânico ou em um espaço quente e vivo. Em um espaço dominado pela necessidade de ordem implacável e pelo ponto de vista fixo, ou em um espaço que, tendo em conta o aleatório e o ponto de vista móvel, seja antes possibilidade que limite. Em um espaço, em suma para a educação, um âmbito que não pertence ao mundo da mecânica, mas ao mundo da biologia, ao mundo dos seres vivos.

Para Giroux (1986), o currículo oculto devia estar ocupado fundamentalmente em responder à questão o que torna a sociedade possível? Considerando que o ato educativo exerce importante papel na manutenção do *status quo*. A escola ensina às crianças não somente conteúdos, mas habilidades, normas, valores que permitem adaptação à disciplina e à hierarquia, típicas do mundo do trabalho. Na escola, ideologia e conflito são negligenciados, em detrimento do consenso e da adaptação social.

O nome oculto apesar de dar um enfoque obscuro e temeroso, esse termo indicava que o ato de ocultação era resultado de uma ação interpessoal, abstrata, estrutural (SILVA, 2015). Ainda de acordo com o autor, o conceito tornou-se, entretanto, crescentemente desgastado, o que, talvez, explique seu declínio na análise educacional crítica. Embora o currículo oculto incluía valores de modelagem, virtudes, boa tomada de decisão e ser uma boa pessoa, isso pode ser uma ação

intencional. Os educadores podem se ver apenas como um exemplo moral, mas e se os alunos não entenderem a intencionalidade por trás das ações? Os educadores podem ser intencionais sobre como modelam comportamentos específicos. Pode haver momentos de oportunidade para modelar um comportamento específico ou virtude de caráter para que os alunos testemunhem uma ação moral ou façam a coisa “boa” em uma situação.

Nas teorias do currículo, entretanto, a pergunta “o que?” nunca está separada de uma outra importante pergunta: “o que eles ou elas devem se tornar?”. Afinal o currículo busca precisamente modificar as pessoas que vão “seguir” aquele currículo. (SILVA, 2015, p.15).

De acordo com o autor supracitado, ninguém precisamente, era responsável por ter escondido o currículo oculto. O que tinha constituído sua força acabara por decretar seu enfraquecimento como um conceito importante da teorização crítica sobre o currículo.

O currículo oculto, mais especificamente, a educação do caráter, tem sido reverenciado por muitos como um elemento educacional essencial desde o nascimento de nossa nação e o desenvolvimento do sistema educacional de nossa nação. Apesar das críticas moderadas, a educação do caráter tem uma abundância de benefícios em nível individual, comunitário e social, com pagamentos imediatos e de longo prazo.



A realidade do “currículo oculto” é inerente ao processo de ensino aprendizagem dentro da educação em geral, partindo do fato que o ser humano é complexo e suas atividades. Também compreendemos que o estudar é apreender criticamente a dimensão implícita, e processual que constitui um assunto de fundamental importância, para melhor desenvolver e otimizar os processos educacionais, permitindo refletir e desenhar a formação do papel do educador como facilitador e sua responsabilidade pedagógica. É importante deixarmos claro, que a escola é um espaço de debate que proporciona a reflexão crítica para conscientizar os atores envolvidos e responsáveis por conduzir a educação, para que eles possam desenvolver seu trabalho educacional de forma a considerar as múltiplas dimensões do ensino aprendizagem e da educação como processo de trabalho socializador.

Considerações finais

O currículo formal não pode ser visto como uma listagem de objetivos a serem alcançados, a ele está relacionado todas as questões que envolvem as instituições de ensino. Ao analisá-lo, pode-se constatar que a escola não é só um ambiente libertador dos conhecimentos formais, mas também, é um cenário de socialização de mudanças e sendo um ambiente social e dinâmico, possui um duplo currículo que se encontram explícitos, o currículo formal com suas diretrizes estabelecidas em âmbito nacional se entrelaçando como currículo

oculto e informal, caracterizado pelo ambiente diversificado e multicultural.

A relevância do conceito de Currículo Oculto reside no fato de que, apesar do contexto explicitamente capitalista e neoliberal em que vivemos hoje, muito mais se aprende na escola do que o que está descrito e registrado no currículo oficial, se não for falado sobre, estudados e revelados. Graças a estes conhecimentos ocultos, continuaremos a reforçar a ideologia da classe dominante e os valores sociais que são considerados "normais", deixaremos todos aqueles que fogem ou não seguem esta normalidade num estado de exclusão e desigualdade social, ela se reproduz no ambiente escolar.

De acordo com os autores supracitados nesse artigo podemos entender que os currículos ocultos são altamente eficazes precisamente porque fogem das ideias tradicionais de conteúdo acadêmico. Portanto é na prática curricular encenada pelos professores que é possível observar o currículo oculto ensinado em sala de aula. É nas mensagens implícitas nas ações do professor, na interação cotidiana de alunos e professores nas escolas, nos livros didáticos ou nas políticas fora da escola que podemos encontrar a implementação do currículo oculto.

Assim, o currículo oculto molda a identidade do aluno por meio do que é implicitamente ensinado no ambiente escolar, pois durante a escolarização o aluno cria suas ideias sobre as disciplinas e rituais desse universo, forma identidades e subjetividades. O fato de os professores se preocuparem com os alunos à sua frente



sugere que as instituições podem ser formadas em torno de uma 'ética do cuidado', ou seja, as mensagens transmitidas implicitamente aos alunos também podem construir sua identidade porque, como o aluno, ele pode ser convencido que ele é incompetente, você pode mostrar a ele que ele é realmente capaz, inteligente, trabalhador, teimoso etc., você vai destacar suas habilidades, suas qualidades, seu potencial.

Sendo assim, ao aceitarmos que o currículo oculto se trata de uma base norteadora para a construção de uma educação formal de qualidade e integradora, estaremos de fato, cumprindo o papel de atores sociais comprometidos com a formação intelectual e a transformação dos nossos educandos e consequentemente do mundo ao qual queremos ter no futuro, a onde os valores culturais e as diferenças sejam respeitadas naturalmente.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. In: ORTIZ, R. (Org.). São Paulo: Ática, 1983.
- FRAGO, Antonio Viñao Frago; ESCOLANO, Agustín n. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- MATOS, Otainan da Silva, Et al. **Currículo oculto e sua atuação no âmbito escolar**. Revista Humanidades & Inovação. V. 8. N. 65. UNITINS, 2022.
- MCLAREN, Peter. **A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- PARAÍSO, Marlucy e SANTOS, Lucíola. **Dicionário Crítico da Educação: Currículo**. Presença Pedagógica, v.2 n.7. Belo Horizonte: Dimensão, jan/fev.1996.
- PERRENOUD, P. **La construcción del éxito y del fracaso escolar**. Madrid: Morata, 1996.
- SACRISTÁN, José Gimeno. **O que significa o currículo**. Penso Editora: Porto Alegre/RS, 2013.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. **O Curriculum Oculto**. Porto: Porto Editora. 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

ⁱ Mestre em Ciências Humanas – UNISA; Especialista em comunicação pela USF – Universidade São Francisco; marvao@uol.com.br

ⁱⁱ Universidade Federal do Maranhão - UFMA; Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica; Metrado Profissional; anamartins701@gmail.com